

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.011](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.011)

A FORMAÇÃO INICIAL ÉTICA DOS GRADUANDOS DO CURSO DE LETRAS – ESPANHOL DA UEPB – CAMPUS VI E A DEMANDA POR INCLUSÃO¹

MARIA GABRIELLE DE DEUS SILVA

Graduanda no curso de Letras-Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: maria.deus@aluno.uepb.edu.br.

NÁTHALY GUISEL BEJARANO ARAGÓN

Professora do curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: nathalyba21@servidor.uepb.edu.br.

RESUMO

Para uma real inclusão de alunos com deficiência nos diversos contextos educacionais é urgente que a formação inicial nas licenciaturas esteja alicerçada na perspectiva da educação inclusiva. Somado a isto, a reflexão e problematização sobre o que é ética profissional deve ser contemplada com profundidade em componentes curriculares dos cursos de graduação. É através de uma formação inicial fundamentada na ética profissional que a inclusão se torna possível. Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo geral investigar, por meio de diários reflexivos produzidos pelos alunos matriculados no componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, aspectos do entendimento acerca do que é a ética profissional dos graduandos do curso de Letras – Espanhol da UEPB do campus VI. Assim, foram delimitados dois objetivos específicos: a) Discutir quais aspectos textuais indicam que as reflexões propiciadas no componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, refletem uma tomada de consciência do que é um agir docente ético; e b) Evidenciar, a partir dos diários reflexivos produzidos pelos alunos matriculados no componente “Tópicos especiais em Língua Espanhola”, como a compreensão e a discussão sobre ética profissional

1 Este trabalho é resultado do Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/UEPB Cota 2022-2023, realizado no Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.

é imprescindível à formação docente inicial. Esta pesquisa se fundamenta, no que diz respeito ao capacitismo, em autores como, Nuernberg (2020) e Farias (2019); no âmbito da inclusão, em autores como Silva e Oliveira (2013), Aranha (2001) e Mantoan (2015); e na formação inicial e ética profissional em Macedo e Queiros (2019) e Dantas (2019). O *corpus* da pesquisa foi gerado a partir da elaboração de diários reflexivos por parte dos alunos matriculados no componente supracitado. Os resultados apontam para a conscientização dos colaboradores da necessidade de desenvolver um futuro agir pedagógico inclusivo e ético, estes passaram a ver a ética profissional como fundamental para sua formação, e conseqüentemente, para a inclusão de alunos com deficiência em sala de aula.

Palavras-chave: Ética profissional, Capacitismo, Formação Inicial, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Segundo o Censo Escolar de 2022, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), houve um aumento de 29,3% no número de matrículas da educação especial² em relação a 2018. Ainda de acordo com o INEP (2022), vem ocorrendo um aumento gradativo no percentual de matrículas da educação especial de alunos de 4 a 17 anos, incluídos nas classes comuns, passando de 92,0%, em 2018, para 94,2%, em 2022.

Apesar do aumento significativo de alunos com deficiência nas escolas regulares, a simples matrícula não garante que estes alunos participem ativamente das aulas, ou que sejam incluídos no processo de ensino e aprendizagem, principalmente por as baixas expectativas de aprendizagem colocadas nesses alunos, como aponta Nuernberg (2020). Segundo este pesquisador, a nível nacional prevalece a visão de que os estudantes com deficiência são sujeitos passivos e limitados por suas deficiências, e até mesmo incapazes de aprender.

A visão hegemônica citada anteriormente sobre estes indivíduos e a negligência da criação de ações que proporcionem a participação ativa desses alunos no processo de ensino-aprendizagem, revela o capacitismo fortemente enraizado na sociedade brasileira, como aponta Farias (2019). Na visão desta autora, capacitismo é um termo utilizado atualmente para referir-se a forma discriminatória como são tratadas as pessoas com deficiência (PCD), vendo-as como pessoas inaptas, inclusive para cuidarem de suas próprias vidas.

Diante desse contexto, é essencial e urgente uma formação inicial de professores na perspectiva da educação inclusiva e da ética profissional, tal formação é imprescindível para que a inclusão seja real, uma vez que, “uma formação docente ética é aquela de responsabilidade pela educação do outro” (DANTAS, 2019, p.71).

Assim, uma formação inicial baseada nesse paradigma e na ética promoverá a reflexão sobre o futuro agir pedagógico e contribuirá para que o futuro profissional busque ser inclusivo, visto que ser inclusivo implica ser ético, pois reflète a preocupação com o outro, com sua aprendizagem. Macedo e Queiros complementam o mencionado anteriormente quando afirmam que uma formação ética profissional consistente “se materializaria especialmente no ensino, já que provocaria à reflexão

2 “matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades em classes comuns ou especiais exclusivas” (BRASIL, 2022, p. 37).

no sentido da inserção de metodologias, métodos e técnicas integradoras, de caráter interdisciplinar, que viessem a contemplar à educação inclusiva” (MACEDO; QUEIROS, 2019, p. 15).

É pensando na importância da formação inicial alicerçada nos princípios da inclusão e da ética profissional que o presente trabalho se propõe *investigar, por meio de diários reflexivos produzidos pelos alunos matriculados no componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, aspectos do entendimento acerca do que é a ética profissional dos graduandos do curso de Letras – Espanhol da UEPB do campus VI*. Afim de cumprir com tal propósito foram delimitados dois objetivos específicos: a) Discutir quais aspectos textuais indicam que as reflexões propiciadas no componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, refletem uma tomada de consciência do que é um agir docente ético; e b) Evidenciar, a partir dos diários reflexivos produzidos pelos alunos matriculados no componente curricular supracitado como a compreensão e a discussão sobre ética profissional é imprescindível à formação docente inicial.

Assim, esta pesquisa está organizada em sete seções, esta introdução na qual fizemos uma breve reflexão e problematização em torno do tema que propomos desenvolver. Na segunda seção apresentamos o passo a passo percorrido para o desenvolvimento deste estudo. Na terceira seção discorreremos sobre o capacitismo e o que implica ser capacitistas; na quarta abordamos a inclusão e seus preceitos; na quinta seção nos debruçamos na ética profissional. Em seguida trazemos a análise dos dados gerados, respectivamente, e nas seções seis e sete, apresentaremos, finalmente, nossas considerações finais.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa e interpretativista, por trabalhar “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p. 21). Neste tipo de pesquisa, se faz necessário levar em consideração a subjetividade dos pesquisadores e daqueles que estão sendo estudados (FLICK, 2009).

Nosso contexto de pesquisa foi o componente curricular eletivo “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, do curso de Letras – Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba, do Campus VI. A ementa do componente é aberta, e no

semestre em que foi ministrado 2022.2, a proposta para ementa foi “Capacitismo: contextualização, conceito e reflexões sobre este fenômeno sociocultural. A identidade da pessoa com deficiência. O paradigma da educação inclusiva: o que é incluir, porque incluir e como incluir. Formação inicial docente na perspectiva da educação inclusiva. Desenvolvimento profissional ético”.

A proposta não era trazer o conceito de ética pronto, mas proporcionar condições para que esse conceito fosse construído pelos próprios estudantes ao longo das aulas. Afim de pôr em prática tal proposta, a cada aula foi trabalhado um texto que mediou a reflexão e tomada de consciência sobre o que é capacitismo, ressignificando a imagem da pessoa com deficiência, compreendendo o que efetivamente é inclusão e a importância da formação inicial na perspectiva da inclusão, para que por fim fosse trabalhado o conceito de ética.

Os colaboradores da pesquisa foram alunos que cursavam do sexto ao último período do curso de Letras – Espanhol, matriculados no componente supracitado. Participaram da pesquisa 21 voluntários, que tinham entre 20 e 49 anos de idade; os nomes utilizados para nos referir aos participantes deste estudo não correspondem aos nomes reais, mas sim a nomes fictícios³.

Para a geração do **corpus** foi solicitado aos colaboradores, que a partir das discussões em sala de aula, sobre os textos teóricos propostos pela professora que ministrou o componente, sobre capacitismo, inclusão e ética profissional. Eles escrevessem, após cada aula, um diário com suas reflexões sobre a aula, sobre o que haviam aprendido com as discussões e principalmente como se sentiram diante de tudo que estava sendo debatido, que impactos lhes causavam. Nesse processo de discussões, reflexões e escrita dos diários, geramos o **corpus** que está composto por 173 diários reflexivos, produzidos ao longo de 9 encontros.

O diário reflexivo foi escolhido como instrumento de geração de dados desta pesquisa dada a riqueza de informações que este pode oferecer. De acordo com Zabalza (2004), os diários podem ser uma forma de descarregar tensões, reconstituir os eventos do dia, dar sentido a fortes experiências, e dentre outras coisas, pode ser usado como um recurso de reflexão, que era a proposta da pesquisa, fazer que

3 Atendendo às normas éticas que orientam as pesquisas que envolvem seres humanos, os colaboradores da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação da mesma. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UEPB, sob o Parecer nº 5.686.469, em 06 de outubro de 2022.

os alunos refletissem sobre as temáticas abordadas nas aulas, a fim de posteriormente nos debruçarmos na análise dessas reflexões.

Os diários também permitem realizar uma leitura diacrônica acerca das aulas e da evolução dos alunos na disciplina (ZABALZA, 2004), foi possível observar o que pensavam sobre os temas principais abordados no componente (capacitismo, inclusão e ética profissional), que tipo de conhecimento possuíam ou não sobre os assuntos, e como esse conhecimento inicial foi se transformando e sendo ressignificado ao longo das aulas.

A sistematização do corpus se deu a partir de duas categorias de análise, que correspondem, respectivamente, aos objetivos específicos da pesquisa, utilizadas para orientar a realização da leitura e a seleção dos fragmentos dos diários reflexivos.

O CAPACITISMO

Historicamente as pessoas com deficiência (PCD) sofreram preconceito por serem consideradas diferentes daquilo que a sociedade definiu como “normal” e aceitável. Em uma sociedade que cultua corpos “perfeitos”, as PCD, bem como outros grupos vulneráveis, são vistos como inadequados para o convívio social (MELLO; NUERNBERG, 2013).

De acordo com Farias (2019), o termo capacitismo é usado para fazer referência a discriminação realizada com pessoas com deficiência, geralmente vendo-as como indivíduos inaptos para cuidarem da própria vida, sem perspectiva de poderem se tornar pessoas produtivas, capazes e independentes.

Dentro dessa perspectiva, o capacitismo pode se manifestar de diferentes formas, uma vez que está profundamente enraizado na sociedade, não limitando-se apenas a insultos diretos, como também na falta de acessibilidade na arquitetura dos espaços públicos e privados. Se faz presente até em relatos realizados por crianças, como o caso apresentado por Andrade (2015), em que uma criança de 12 anos expressa a dificuldade em sonhar com ter certa profissão devido a sua deficiência visual. Ou seja, essa criança já está sob a influência do pensamento capacitista, sendo exposta a ideias que a rotulam como incapaz, o que revela como essas percepções podem afetar os indivíduos desde a tenra idade.

Este preconceito é sorrateiro, se manifesta de diferentes formas e na maioria das vezes passa despercebido, ou até mesmo se disfarça como boa intenção,

quando por exemplo, alguém aborda uma pessoa com deficiência visual na rua, com a intenção de ajudá-la a atravessar, sem sequer perguntar se a pessoa efetivamente precisa ou deseja ser auxiliada. Esta atitude parte do pressuposto (capacitista) de que as PCD sempre precisam/desejam ajuda, quando na verdade isso nem sempre condiz com a realidade (ANDRADE, 2015).

Por outro lado, o capacitismo também se manifesta quando, da mesma forma que essa criança, professores não buscam incluir um aluno com deficiência nas aulas, por achar que é perda de tempo, pois consideram que o aluno não é capaz de aprender, como é possível ver no relato "A vida escolar de A.". No relato, a mãe de A., aluno com síndrome de Down, revela a fala preconceituosa dos profissionais da educação da escola onde o menino estudava, "[...] ele não gosta de estudar. A senhora deveria arranjar alguma coisa que ele gostasse de fazer porque realmente algumas crianças não gostam de estudar" (MAIA; MEDRADO, 2020, p. 14).

A ideia de retirar uma criança da escola com base em suposições de que ela "não gosta" é inadmissível, levando em consideração que a educação é um direito fundamental da criança, como consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Capítulo IV, art. 53 (BRASIL, 2022). Da mesma forma, a Lei nº 13.146 conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), em seu Capítulo IV, parágrafo único, diz que "é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação" (BRASIL, 2015).

Até aqui é possível observar que a visão social que se tem sobre a pessoa com deficiência, é que ela é o problema, ela deveria adequar-se ao mundo tal como ele é, se não consegue esse é um problema da pessoa, ou pior, muitas vezes a própria pessoa é vista como um problema. No entanto, é interessante observar que na década de 1970, ativistas com deficiência do Reino Unido e dos Estados Unidos, apresentam uma perspectiva diferente sobre a questão das deficiências, tirando o foco da pessoa com deficiência e os aspectos corporais, passando a chamar a atenção para as barreiras sociais, culturais e físicas impostas pela sociedade a essas pessoas, que não fazem parte desse padrão estabelecido pela sociedade (NUERNBERG, 2020).

Partindo dessa perspectiva, pode-se compreender que a deficiência não é uma questão apenas do indivíduo que possui certas características físicas ou intelectuais que o diferenciam daqueles ditos "normais", mas é realmente uma questão

social, pois muitas das dificuldades que essas pessoas enfrentam estão diretamente relacionadas às barreiras que a sociedade impõe, sejam barreiras físicas ou atitudinais. E se somos nós, seres humanos que construímos o mundo como ele é, por que não podemos moldá-lo de uma forma acessível a todos, tornando-o inclusivo?

O PARADIGMA DA INCLUSÃO

Na história da educação da pessoa com deficiência, são quatro os principais paradigmas que nortearam a educação destes indivíduos, o da Exclusão, da Segregação, da Integração e da Inclusão. É válido ressaltar que o surgimento de um novo paradigma não substitui o anterior, eles passam a coexistir, ainda que no geral os mais novos passem a ganhar um destaque maior. No paradigma da exclusão, durante muito tempo a educação foi destinada a um grupo seletivo de pessoas, que não incluía as PCD, estas pessoas eram subestimadas de tal forma que eram consideradas incapazes de exercer qualquer função na sociedade e eram, então, não somente excluídas do processo educacional, mas principalmente do convívio social (SILVA; OLIVEIRA, 2013).

Na Segregação, a capacidade da pessoa com deficiência continua sendo questionada, mas possuem uma visibilidade ligeiramente maior do que na perspectiva anterior, ainda que fosse uma visibilidade carregada de preconceitos. Nesse paradigma as PCD são inseridas no sistema de educação, mas dentro de instituições específicas para estes indivíduos, sendo mantidos isolados do restante da sociedade (SILVA; OLIVEIRA, 2013).

O terceiro paradigma corresponde ao da Integração, que por vezes é confundido com a Inclusão. Mesmo que muitos possam pensar que esses paradigmas são semelhantes, especialmente porque em ambos os casos a pessoa com deficiência está convivendo em sociedade, há uma diferença importante entre eles. Segundo Aranha (2001, p. 168), integração significa

localizar no sujeito o alvo da mudança, embora para tanto se tomasse, muitas vezes, como necessárias, mudanças na comunidade. Estas, na realidade, não tinham o sentido de se reorganizar para favorecer e garantir o acesso do diferente a tudo o que se encontra disponível na comunidade para os diferentes cidadãos, mas sim o de lhes garantir serviços e recursos que pudessem “modificá-los” para que estes pudessem se aproximar do “normal” o mais possível.

Como explicitado na citação, na integração há essa ideia de que o indivíduo tem que se adaptar ao meio, e essa é uma das principais diferenças entre a integração e a inclusão. Na inclusão não se espera que a PCD se adeque ao meio, mas o contrário, compreende-se a necessidade de tornar os lugares, serviços, etc, mais acessíveis a essas pessoas (ARANHA, 2001).

No contexto escolar, a inclusão se refere a proporcionar a possibilidade de que todos os alunos, independente de suas particularidades, possam frequentar as mesmas salas de aula, pois na perspectiva inclusiva as escolas e as salas de aula regulares estão aptas a receberem todos os tipos de estudantes (MANTOAN, 2015). De acordo com Mantoan (2015), mesmo depois de tantos avanços em relação a implementação da inclusão nas escolas, ainda há muita resistência, tanto por parte de pais conservadores, que acreditam que um aluno com deficiência irá prejudicar o desenvolvimento dos outros alunos, como dos próprios professores que alegam não se sentirem preparados para incluir.

Ainda segundo a mesma autora “a escola se democratizou, abrindo-se para novos grupos sociais, mas não fez o mesmo em relação aos conhecimentos trazidos por esses grupos as salas de aula” (MANTOAN, 2015, p. 23), chamando a atenção ao fato de que o modelo de educação utilizado na atualidade tem se mostrado ultrapassado, não conseguindo atender as necessidades do novo contexto educacional, onde públicos tão diversos se fazem presente.

Tal realidade exige uma mudança de paradigma educacional, no qual até então, o ensino curricular das escolas é organizado em disciplinas que isolam cada tipo de conhecimento (MANTOAN, 2015), o que não contribui com eficácia para a construção de novos conhecimentos, uma vez que este se produz melhor quando inserido em contextos, fazendo uso de outras informações e conhecimentos que as vezes não estão categorizados como pertencentes à mesma disciplina.

Além da quebra do atual paradigma educacional, outro ponto que pode contribuir para que a inclusão escolar se faça cada vez mais presente é, segundo Macedo e Queiros, “a ética profissional, que sob a ótica interdisciplinar, abriria portas para as rotas da inclusão” (2019, p. 5).

A ÉTICA PROFISSIONAL

A conceituação de ética não é tão simples, existem diferentes perspectivas sobre o que esse termo significa, sendo relacionada a formação humana e a

construção de caráter; a reflexão sobre os princípios da moral; podendo ser compreendida a partir das relações, a partir da ideia de que só é possível ser ético a partir da relação estabelecida com os outros e consigo (MACEDO; QUEIROS, 2019). Em seu trabalho, Macedo e Queiros também apresentam a ideia de ética como

a capacidade reflexiva e sensível diante de contextos comportamentais. Nessa ótica, para ser/estar ético seria preciso refletir sensivelmente acerca da própria conduta, e se essa se encontra adequada a situações que promovam o bem-estar (individual e coletivo) das pessoas (2019, p. 11).

Mas para os autores a ética não se limita a esse nível sensível e de reflexão, mas se concretiza através da ação, “entendemos que a decência se relacionaria a um comportamento de compostura, de dignidade, o que faz compreender que a ética é uma dimensão que se materializa no campo do agir” (MACEDO; QUEIROS, 2019, p. 11).

Levando em consideração o caráter complexo do conceito de ética e ética profissional, neste trabalho a ética será abordada segundo a visão de Macedo e Queiros (2019), como essa capacidade de refletir sensivelmente sobre a própria conduta, e principalmente com base em Dantas (2019), que não apenas contextualiza o conceito de ética, mas também evidencia o lugar que esse ocupa na sociedade e no indivíduo, segundo sua perspectiva.

A partir das ideias de Spinoza, Dantas apresenta uma visão do ser humano como um “todo interligado, em que todas as partes se afetam⁴” (2019, p. 67). Essa perspectiva diz que o ser humano é composto por diferentes dimensões (biológica, psicológica, sociológica e linguística), que interagem constantemente, e cada ser humano é o resultado dessas interações. Partindo dessa perspectiva, a pesquisadora introduz uma nova dimensão, que segundo ela “não apenas interage e afeta as demais, mas que as atravessa: a dimensão da ética” (2019, p. 67).

Para ela, a dimensão da ética se refere “ao modo de compreender, ser e agir que eleva o indivíduo e o seu coletivo. A maneira pela qual o professor compreende sua profissão, como ele se apresenta e age como professor responsável pela educação dos alunos” (p. 67-68). Segundo a pesquisadora, a formação acadêmica com

4 Para Dantas (2019, p. 70), afeto se refere a “variação de potência”, o agir de um indivíduo pode ser incentivado ou refreado dependendo da forma como este seja afetado.

peessoas com deficiência acontece através de um “encontro de corpos” (2019, p. 68), para apresentar essa ideia faz uso dos conceitos de Spinoza de *encontro* e *potência*. Quando há um encontro, os corpos afetam e são afetados, ou seja, ninguém sai de um encontro, de uma interação com outra pessoa, exatamente da mesma forma, pois segundo esta perspectiva todos os envolvidos afetam e são afetados. A maneira como cada indivíduo é afetado é individual, as pessoas reagem de forma diferente a uma mesma experiência. Esses afetos podem aumentar ou diminuir a potência de agir.

Pensando nos encontros e na forma como estes podem afetar o outro, Dantas entende que a ética profissional se faz necessária para a formação inicial docente, pois a compreende como sendo essa responsabilidade com o outro, especificamente no contexto educacional, a responsabilidade com a educação desse outro que está em sala de aula. Por conseguinte, ser ético, sob essa ótica, é ter consciência crítica, refletir sobre o próprio comportamento e sobre como este pode afetar os demais. É compreender que somos responsáveis por esse outro a partir do momento em que nos olha (DANTAS, 2019).

O AGIR DOCENTE ÉTICO: COMPORTAMENTO PROFISSIONAL E COMPREENSÃO DA ÉTICA

Esta seção está dedicada a responder ao primeiro objetivo específico, qual seja “Discutir quais aspectos textuais indicam que as reflexões propiciadas no componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, refletem uma tomada de consciência do que é um agir docente ético”. Para isso, a proposta da disciplina orientava a leitura de textos e a realização de debates, que proporcionariam a reflexão sobre o que é ser capacitista, o que é inclusão, etc., levando os alunos a uma tomada de consciência sobre esses e outros pontos, construindo ao longo do componente o conceito de ética, que foi trabalhado diretamente nas últimas aulas do semestre, e que será abordado de forma detalhada na próxima seção.

Ao iniciar as aulas do componente curricular “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, os alunos já haviam tido algum tipo de contato com a temática da inclusão, ainda que de forma superficial, ao cursarem outras disciplinas que abordaram em menor medida o tema, como Libras, Direitos Humanos, Didática e Educação Especial. No entanto, foi a partir da leitura dos textos proposto na disciplina supracitada, contexto da nossa pesquisa e das discussões em sala de aula, que

efetivamente os graduandos passaram a compreender a dimensão do capacitismo, o que efetivamente significa/implica incluir, o que é ética, e qual a relação entre ética, inclusão e educação, como será possível comprovar com base nos excertos extraídos do *corpus*.

Iniciando pelo primeiro ponto citado, sobre a compreensão do capacitismo que o componente proporcionou, é interessante ler a colocação de duas graduandas, Maria Auxiliadora e Rachel. Consideramos que suas reflexões representam o coletivo de colaboradores da pesquisa em um primeiro momento, vejamos:

Excerto 01- Maria Auxiliadora

[...] a aula de hoje foi sobre capacitismo e descobri que sou uma pessoa extremamente capacitista.

Excerto 02- Rachel

*Eu particularmente me senti surpresa com o quanto somos capacitistas, **a vida toda vamos reproduzindo isso de maneira até que meio inconsciente, e é assustador porque não só eu mas todos nós**, esse é um tema de grande relevância na sociedade não só no universo escolar, praticar empatia e **ensinar a outras pessoas a importância de tratar pessoas com deficiências de forma adequada como tem que ser**, daqui pra frente terei um olhar diferente não para as pessoas com deficiências, mas, para a minha própria dificuldade de aceitação das diversidades da humanidade, somos todos iguais em noção de ser, portanto com diferentes características (grifo nosso)*⁵.

Na fala de Maria Auxiliadora, vemos que as discussões da aula proporcionaram uma tomada de consciência sobre ser capacitistas e o que implica isto, essa descoberta é marcada pela palavra “extremamente” para enfatizar esse reconhecimento que não é positivo, mas que é carregada de preconceitos e crenças em relação a PCD. Rachel complementa o dito por Maria Auxiliadora ao demonstrar surpresa por se reconhecer capacitistas, a colaboradora usa o quantificador “quanto” para enfatizar a profundidade dessa atitude e afirma ser algo inconsciente. Ainda destaca em sua fala que ser capacitistas não é algo exclusivo seu, mas que é comum a todos e que isso é assustador. Diante dessa elucidação, Rachel ainda afirma preocupação para com o próximo e com sua forma de agir no mundo. Expressando seu desejo de mudar, demonstrando um comprometimento com o outro ao querer

5 Os excertos selecionados a partir dos diários reflexivos produzidos pelos colaboradores da pesquisa permanecem inalterados em relação ao documento original, não contendo nenhuma alteração de natureza gramatical ou ortográfica.

ensinar as pessoas a respeitarem as PCD, há uma tomada de consciência sobre o que é um agir docente ético, antes mesmo que haja uma compreensão consciente sobre o que é ética. Pois como será possível observar mais adiante, essa consciência irá surgir a partir da discussão dos textos sobre ética nos encontros finais do componente curricular.

No fragmento a seguir, é possível observar a conscientização de Mônica, sobre a dimensão do capacitismo

Excerto 03 - Mônica

*Aprender que **o capacitismo não é apenas o que é verbalizado** foi de grande relevância, pois aprendi que existem várias barreiras opressoras que nega a cidadania a pessoa com deficiência, sendo elas barreiras atitudinais, pedagógicas e de infraestrutura e com este aprendizado chego à conclusão que a sociedade não foi projetada adequadamente para todos, porém, **nós como futuros professores e cidadãos podemos ir aos poucos quebrando estes estigmas para que tenhamos um mundo mais igualitário** (grifo nosso).*

Mônica reconhece que há diferentes formas de ser capacitistas. Para ela, ser capacitista não é unicamente o que é proferido, verbalizado, mas que há diversas barreiras que impedem que as PCD sejam cidadãos⁶ na sociedade em que vivemos. A colaboradora demonstra também sua preocupação não apenas com o seu futuro agir docente, mas com o dos professores no geral, e sua responsabilidade em tentar construir um mundo mais igualitário, como a graduanda afirma.

Adentrando a área da inclusão, na fala de Lindah, verificamos que a tomada de consciência ocorreu no terreno da inclusão

Excerto 04 - Lindah

*Quando falamos em educação inclusiva, deve se ter em mente que, é um lugar onde todos estão em um mesmo evoluindo juntos, isso não significa que todos têm o mesmo tempo de aprendizado, e sim que **a escola e o professor devem procurar maneiras e métodos onde todos, independente de deficiência, raça, cor, religião, classe social estão aprendendo** (grifo nosso).*

6 Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Conferir em: <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/O-que-e-ser-Cidadao#:~:text=Ser%20cidad%C3%A3o%20%C3%A9%20ter%20direito,ser%20votado%2C%20ter%20direitos%20pol%C3%ADticos>.

A graduanda mostra ter compreendido o que é educação inclusiva como apresentado por Aranha (2001), compreendendo que não é o indivíduo com deficiência que deve se adaptar, mas sim o contexto de ensino que deve ser adaptado. Demonstra também entender que a educação inclusiva não é apenas para pessoas com deficiência, mas para todas as pessoas, em consonância com Mantoan (2015) quando a mesma afirma que a escola regular deve estar preparada para receber todos os tipos de estudantes.

No quinto fragmento, observamos a forma como a leitura dos textos proporciona uma tomada de consciência sobre o que significar ser um profissional inclusivo, impactando e transformando a percepção de Lua sobre seu agir docente

Excerto 05 - Lua

*O texto me impactou de maneira positiva, pois vendo como alguns profissionais agiram diante de um aluno com deficiência, **pude ver qual profissional não quero ser**, e como posso melhorar para conseguir ensinar alunos com deficiências, de modo que se sintam incluídos e consigam verdadeiramente aprender (grifo nosso).*

Na fala de Lua, percebemos o despertar de sua consciência sobre o tipo de profissional que ela não deseja ser, e por tanto, para o tipo de profissional que pretende se tornar, uma profissional ética, seguindo a perspectiva de Dantas (2019), preocupada com a aprendizagem de seus futuros alunos.

Complementando a reflexão de Lua, no excerto a seguir, Hugo não somente se vê como responsável pela educação do outro, mas entende também a necessidade de levar esse conhecimento sobre inclusão a outros profissionais, para que mais pessoas possam se beneficiar de uma educação inclusiva e de qualidade, vejamos:

Excerto 06 – Hugo

*Promover realmente a reflexão a respeito da inclusão para que os demais colegas de trabalho e de turma colaborem com a aprendizagem do aluno com deficiência, **não somente refletir, mas também agir, perguntar ao meu aluno de que maneira posso ajudá-lo**, quero que o meu aluno se sinta parte da sala, da aula, do ambiente escolar (grifo nosso).*

Outro ponto que pode ser destacado na fala de Hugo é que, além da consciência da responsabilidade para com o outro, característica fundamental da ética como

apontado por Dantas (2019), outro aspecto da ética é a ação, como apresentado anteriormente, na perspectiva de Macedo e Queiros (2019), a ética se concretiza no agir. Hugo demonstra essa preocupação com seu agir docente e já apresenta formas de fazer com que a inclusão aconteça.

Ainda sobre inclusão, Ross aponta mais uma responsabilidade que os professores devem assumir, segundo sua perspectiva, para que sejam realmente profissionais éticos

Excerto 07 - Ross

*[...] é importante nos atentarmos que além de sermos professores inclusivos devemos **ensinar aos nossos alunos a serem pessoas inclusivas** pois se trata de uma via de mão dupla quem construirá um ambiente inclusivo (grifo nosso).*

É possível ver que tanto Hugo como Ross entendem que é necessário responsabilizar-se pela educação de seus futuros alunos. Hugo amplia essa responsabilidade, colocando-se como responsável também por levar esse conhecimento a outros profissionais para que mais alunos possam se beneficiar. E Ross amplia um pouco mais essa responsabilidade, entendendo que não apenas o professor deve ser inclusivo, mas deve transmitir isso para os alunos, ensinando-os a serem inclusivos, para que se possa criar um ambiente onde todos sem exceção possam participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere ao agir docente, Dani demonstra ter tomado consciência de alguns aspectos de um agir docente ético

Excerto 08 - Dani

*[...] aprendi também sobre o poder da pergunta em outras aulas e nessa aula de hoje percebi que tem tudo a vê com ética profissional, pois **é você ter capacidade de enxergar esse aluno com deficiência e tentar fazer algo para ajudar, chegar e perguntar se precisa de ajuda, se está entendendo**, não simplesmente ignorar, fazendo de conta que esse aluno não existe, isso é inadmissível e inaceitável (grifo nosso).*

Em sua fala Dani mostra de forma muito simples que em um primeiro momento não são necessários grandes esforços para ser ético e inclusivo, enxergar o aluno e conversar com ele sobre suas dificuldades de aprendizado já é o primeiro passo para ser inclusivo, algo relativamente simples, pois exige "apenas" a disposição do professor em fazê-lo.

Silva apresenta outro ponto sobre o que é um agir docente ético

Excerto 09 - Silva

*eu percebo a necessidade que nós **futuros professores temos de buscar outros campos de estudo**, como a educação inclusiva, psicologia e outras coisas; para que saibamos por onde começar e também desenvolver atividades para essas crianças. Eu percebi também durante a leitura, que eu não quero ser um dos professores não empáticos relatados no texto (grifo nosso).*

Nesse momento já é possível notar uma preocupação por parte da graduanda com a sua formação profissional, percebendo também que o conhecimento de apenas uma área não é suficiente para suprir a demanda por inclusão, se alinhando assim a perspectiva de Macedo e Queiros (2019), sobre a importância da interdisciplinaridade na demanda por ética profissional e inclusão educacional. As falas de Dani e Silva revelam compreensões sobre como devem agir em sala de aula diante dos alunos e o que devem fazer para se preparar para a complexidade inerente deste ambiente. Em outras palavras, as graduandas já começam a despertar para um agir docente ético e inclusivo.

Finalizando esta seção, trazemos a fala de Katherine Pierce, onde percebemos a tomada de consciência sobre a ética profissional

Excerto 10 - Katherine Pierce

*A ética faz a gente se sentir responsável pelo outro, responsável pela educação do outro, então a ética está totalmente ligada a educação inclusiva; pensando assim, então, se **eu for uma professora ética eu vou me sentir responsável pela educação, pelo aprendizado de meus alunos**, e vou tentar ser o mais inclusiva possível me esforçando para fazer todos aprenderem, pois essa é a conduta de um professor ético (grifo nosso).*

A fala de Katherine Pierce, está alinhada à perspectiva de Dantas (2019) no que se refere a ética profissional, assim como Dantas, Katherine entende a ética como uma responsabilidade para com o outro, e no que se refere à educação, uma responsabilidade com a educação e a aprendizagem do outro, seja esse outro um aluno com deficiência ou não. É nítida essa responsabilidade com os alunos e o desejo por incluir quando a colaboradora, além de explicitar esse desejo, se refere apenas a seus alunos como “meus alunos”, sem fazer distinção e sem a necessidade de destacar as especificidades de nenhum dos discentes. Pois ao compreender que a inclusão é para todos e a ética é uma responsabilidade com a educação de todos, essa distinção não é necessária.

A RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO SOBRE ÉTICA PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO INICIAL

Esta seção responderá ao segundo objetivo específico: “Evidenciar, a partir dos diários reflexivos produzidos pelos alunos matriculados no componente curricular “Tópicos especiais em Língua Espanhola”, como a compreensão e a discussão sobre ética profissional é imprescindível à formação docente inicial”. No primeiro momento do semestre, nos primeiros encontros, os alunos foram se deparando com teorias relacionadas ao capacitismo, inclusão, a importância da formação inicial na perspectiva da educação inclusiva e construindo o conceito de ética. Para que no segundo momento, nos últimos encontros do componente, fosse abordado de forma direta a ética profissional e sua importância dentro da formação inicial.

A partir da leitura dos diários reflexivos é possível observar, que além da compreensão sobre os temas específicos propostos, o componente contribuiu para a compreensão sobre qual é o comportamento adequado de um profissional ético

Excerto nº 11 – Ross

*Quanto futuro professor, confesso que nunca havia pensado como eu deveria agir caso me deparasse com um aluno PCD, provavelmente eu iria reproduzir a postura de alguns professores que vimos nos nossos relatos estudados ao longo desse período, **graças a essa disciplina sei** que posso fazer diferente e promover uma sala de aula inclusiva além de saber **o meu compromisso e responsabilidade com todos** (grifo nosso).*

Ross reconhece que foi a partir da leitura dos textos da disciplina de “Tópicos Especiais em Língua Espanhola” que compreendeu qual é a postura adequada de um professor, e qual é a postura que deseja assumir diante de tudo que foi aprendido e debatido, além de entender a responsabilidade que deve ter com seus alunos, responsabilidade essa ligada a ética profissional como proposto por Dantas (2019).

Vejamos a perspectiva de uma das alunas, que representa o pensamento geral dos colaboradores nessa etapa do componente, no que se refere a relação entre a ética profissional e a formação inicial dos professores

Excerto nº 12 - Luce

*Um dos questionamentos levantados pela professora, foi sobre em que momento nós começamos a refletir sobre ética e inclusão, **a maioria dos alunos disseram que começaram a refletir nessa disciplina**, o que achei muito significativo, porque foi possível ver a importância dessa disciplina, **como é importante ter***

uma disciplina que aborde de forma direta a ética e a inclusão, pois ainda que nenhum dos alunos tenha deixado de ser capacitista [...] mas pelo menos nos abriu os olhos, para que déssemos o primeiro passo que é reconhecer que temos esses preconceitos, e plantar em nós o desejo de mudar isso, para sermos pessoas melhores, e professores éticos e inclusivo (grifo nosso).

Luce aponta a relevância do componente para o curso de graduação, ideia que é reforçada por outros colaboradores, uma vez que ao compreenderem a importância de uma formação inicial baseada na ética e na inclusão percebem o quanto ainda é imprescindível que os currículos das licenciaturas sejam reformulados sob a perspectiva da inclusão (ARAGÓN, 2020). No excerto a seguir, outra aluna reforça a relevância recém descoberta (por ela) da necessidade de se abordar a ética profissional de forma direta nos cursos de graduação, mais especificamente nos cursos de licenciatura

Excerto nº 13 - Lindah

*[...] acredito que para diminuir esse medo que pode ser trauma, igual o meu, ou pode ser apenas uma falta de especialização, de conhecimento, a questão de **introduzir o aluno de graduação, que está se formando em um curso de licenciatura, em um ambiente de inclusão**. Assim quando chegar na sala de aula, que se depara com um aluno com deficiência, não vai ter medo, ou achar que deve ter pena. Conhecendo bem o que o faz diferente, saberá tratá-lo do jeitinho certo. **Quando eu comecei a estudar na UEPB, ainda não haviam disciplinas voltadas para esse assunto, e hoje vejo isso como uma realidade muito urgente** (grifo nosso).*

A colaboradora aponta algo importante que Dantas (2019) aborda em seu trabalho, a necessidade de abordar a ética profissional nos cursos de licenciatura, pois segundo a pesquisadora, para que se possa proporcionar aos alunos uma educação inclusiva, se faz necessária uma formação inicial pautada na ética profissional. Como citado pela graduanda, quando ela iniciou o curso de graduação não haviam componentes curriculares que abordassem a questão da ética e da inclusão, foi a partir de “Tópicos Especiais em Língua Espanhola” que a mesma percebeu essa questão como importante e urgente, o que mais uma vez demonstra a importância de se falar sobre o assunto, pois muitas vezes, como nesse caso, as pessoas só tomam consciência sobre a relevância desses temas quando entram em contato com eles.

A fala de Silva reforça a relevância das aulas do componente em questão para sua formação

Excerto nº 14 - Silva

Eu não consigo explicar o tamanho da importância dessas aulas de tópicos especiais enquanto a minha formação como professora. A disciplina tem me ajudado muito a me questionar como docente, **a investigar outras áreas da educação**, a entender o mundo inclusivo e a refletir sobre o tipo de professora que eu quero ser (grifo nosso).

Como vemos na fala de Silva, há uma preocupação recorrente dos colaboradores da pesquisa, após o contato com relatos sobre profissionais capacitistas, como foi o caso do texto “A vida escolar de A.” (MAIA; MEDRADO, 2020). A colaboradora afirma que uma das “soluções” encontradas por grande parte dos alunos para se tornarem bons profissionais, é ir em busca conhecimento, de outras áreas da educação, para suprir as possíveis lacunas da graduação e poder incluir em sala de aula. Seguidamente, o discurso de Hugo reforça mais uma vez a importância da formação inicial e explica o porquê especificamente do conteúdo visto no componente é relevante para essa formação

Excerto nº 15 - Hugo

[...] quando **o professor** se depara com um aluno com deficiência, ele **sente medo**, ele trava, justamente **porque não tem uma formação voltada para esse grupo ainda na graduação**, **o professor não consegue agir com ética e acolher o aluno**, porém, nós da turma de tópicos especiais estamos tendo essa oportunidade de ler sobre a pessoa com deficiência, visualizar na nossa formação a inserção dessas pessoas em sala e, saber que podemos encontrá-las no nosso futuro agir pedagógico e que poderemos escolher se agiremos eticamente ou não (grifo nosso).

Um ponto fundamental na fala do colaborador, algo que também é abordado no trabalho de Dantas (2019), é a importância de que os futuros professores tenham a oportunidade de entrar em contato com o universo da inclusão ainda nos cursos de graduação. Pois ao entrarem em uma sala de aula já como professores, estarão cientes de que não encontrarão um único tipo de aluno, mas uma sala de aula cheia de alunos, cada qual com suas especificidades, e ainda que não esteja totalmente preparado para lidar com cada uma delas, estará disposto a aprender, através de tentativa e erro, a trabalhar com esse público diverso, tratando as diferenças como

uma característica natural do ser humano, e não como algo que se deve ter medo ou causar pena, como apontado por Hugo e Lindah.

Sendo a formação inicial vista como fundamental não apenas na perspectiva de Dantas (2019) mas também de pesquisadores como Macedo e Queiros (2019), trazemos agora a perspectiva de boa parte dos alunos da disciplina de “Tópicos Especiais em Língua Espanhola”, por meio da fala de Lua, que revela sua preocupação com a falta de preparo que os graduandos recebem em relação a ética e a inclusão:

Excerto nº 16 - Lua

*Algo que me chamou atenção e me fez parar para pensar foi o fato de que a **universidade não nos prepara para entender as diferenças** dos outros partindo das nossas próprias diferenças, e **as disciplinas que englobam a inclusão é muito superficial**, e não é trabalhada como deveria. **Assim, a noção de inclusão é rasa** e se não tivéssemos o hábito de pesquisar, tomaríamos como base o que “estudamos” nessas disciplinas sem nos aprofundarmos no assunto. Por isso vale ressaltar a importância da disciplina de tópicos especiais porque ela faz o indivíduo se questionar e refletir a respeito da inclusão (grifo nosso).*

No discurso de Lindah (no excerto nº 13), ela comenta que no início de sua graduação não haviam disciplinas que abordassem a ética e a inclusão em seu curso de graduação. Agora, na fala de Lua é possível ver que houve alguma mudança nesse sentido, ainda que mínima, pois a graduanda afirma que existem componentes onde se aborda a inclusão. No entanto, trata-se de uma abordagem superficial, ou seja, houve algum avanço, contudo, ainda não é suficiente para suprir a demanda por uma formação inicial pautada na ética e na inclusão.

No excerto a seguir, podemos observar que é perceptível a transformação que as reflexões propostas no componente proporcionaram-lhe a Mônica:

Excerto nº 17 - Mônica

Este olhar ético-inclusivo despertado e refletido durante as aulas me fez enxergar o tipo de profissional que não quero ser, o mesmo eu que teve posturas equivocadas durante os estágios universitários não é o mesmo eu que vai adentrar dentro de uma sala de aula, porque **hoje sei o que é um agir ético e o processo de (des) construção ele já começou**, porque já não me permito persistir no erro (grifo nosso).

A reflexão sobre a própria conduta, realizada pelos graduandos a partir das discussões em sala de aula revelam também um comportamento ético desses

indivíduos, retomando a Macedo e Queiros (2019) e Dantas (2019), segundo os quais a ética tem relação com essa reflexão sobre o próprio agir. O que é possível identificar nas falas dos demais colaboradores e que fica ainda mais explícito na fala de Mônica, pois ao entrar em contato com as teorias dos autores mencionados anteriormente, a mesma foi afetada de forma positiva. Pois esse conhecimento lhe impulsionou a refletir sobre o seu agir docente, e reconhecendo seus equívocos se propõe a não persistir reproduzindo esses erros, e sim desconstruir preconceitos e posturas que não condizem com o posicionamento de um profissional ético e inclusivo.

O discurso da colaboradora reflete a postura e o pensamento que os alunos do componente curricular em questão assumiram e com a qual se identificaram ao fim do semestre, reforçando a importância da disciplina em si, e do debate sobre ética e inclusão de forma aprofundada e direta nos cursos de licenciatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, as pessoas com deficiência ocuparam (ou não) seu espaço no sistema educativo de diferentes formas ao longo da história, passando da completa exclusão até chegarem à inclusão. Porém, essa inclusão ainda não acontece de forma plena, a garantia da matrícula não assegura a inclusão da forma como a entendemos, e uma parte significativa do porquê essa inclusão não ocorre é devido às lacunas existentes nos currículos na formação inicial de professores, a carência de uma formação fundamentada nos princípios da ética e da inclusão.

Com esta pesquisa, foi possível confirmar que o componente curricular Tópicos Especiais em Língua Espanhola contribuiu para a tomada de consciência dos colaboradores deste estudo sobre o que é um agir docente ético; compreender o que implica ser capacitista e o que está por trás do capacitismo; entender os pressupostos do paradigma da inclusão; a importância da formação inicial na perspectiva da inclusão e, o que é ética profissional. Finalmente, afirmamos que esta disciplina se configurou como um contexto de formação inclusivo, já que levou os participantes desta pesquisa a refletirem criticamente sobre seus agires pedagógicos atuais e futuros.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, Náthaly Guisel Bejarano. A Formação inicial de Professores de Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba: uma perspectiva de educação inclusiva?. In: MAIA, A. A. M.; MEDRADO, B. P. (Orgs.) **Síndrome de Down: vozes e dimensões da inclusão escolar**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, v. 11, n. 21, p. 160-173, 2001.

ANDRADE, S. **Capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?** Disponível em: <https://medium.com/@sidneyandrade23/capacitismo-o-que-%C3%A9-onde-vive-como-se-reproduz-5f68c5fdf73e#jev4c1kru>. Acesso em: 04 ago 2023.

A vida escolar de A (Relato). In: MAIA, A. A. de M.; MEDRADO, B. P. (Orgs.) **Síndrome de Down: vozes e dimensões da inclusão escolar**. Campina, SP: Pontes Editores, 2020.

BRASIL. Censo escolar da Educação Básica 2022 resumo técnico. Brasília: Inep, 2023. Instituto Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf. Acesso em: 05 ago 2023.

_____. **Lei n.º 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília. Disponível em: [ECA_ATUALIZADA-11-2022_GRAFICA.indd](#). Acesso em: 04 ago 2023.

_____. **Lei nº 13146**, de 06 de julho de 2015. Institui A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa Com Deficiência). Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 04 ago 2023.

DANTAS, R. **As metamorfoses da formação: experiência com alunos com deficiência e desenvolvimento profissional ético**. Tese (Doutorado em Linguística)

– Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

FARIAS, A. Q. de. Deficiência, docência e ensino superior: a trajetória acadêmica de uma professora cega. In: **Revista Educação Inclusiva – REIN**. Campina Grande, 2019, p. 57-69.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACEDO, S. M. F.; QUEIROS, J. F. de. A ética profissional docente: dimensão interdisciplinar na inclusão de educandos (as) com déficit auditivo. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Varginha, v. 21, n. 1, p. 4-19, 8 ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacao/article/view/196/170>. Acesso em: 04 ago 2023.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** 1. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MEDRADO, B. P. Formando para Incluir: contribuições da Linguística Aplicada. In.: JORDÃO, C. M. **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 263-284.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. **Corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência: algumas notas de campo**, 2013. Disponível em: http://conselhosocial.mg.gov.br/conped/images/conferencias/corpo_genero_sexualidade.pdf. Acesso em: 04 ago 2023.

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NUERNBERG, A. H. O capacitismo, a educação especial e a contribuição do campo de estudos sobre deficiência para educação inclusiva. In: MACHADO, R.; MANTOAN, M. T. E. (Orgs.). **Educação e Inclusão: Entendimento, proposições e práticas**. Blumenau: Edifurb, 2020. p. 45-60.

SILVA, N. S. da. OLIVEIRA, T.C.B.C. **Concepções e paradigmas: da exclusão à inclusão da pessoa com deficiência.** Anais V FIPED, Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/3890>. Acesso em: 05 ago. 2023.

ZABALZA, M. A. **Diários de Aula: Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.